

# Florestan, eleito pelas "bases do PT"

Primeiro foi Fernando Henrique Cardoso, um dos astros da Sociologia brasileira. Agora, chega ao Congresso, na condição de deputado constituído pelo PT de São Paulo, o também sociólogo Florestan Fernandes, um paulistano de 66 anos, para muitos a mais brilhante estrela da intelectualidade brasileira.

Ao comentar o "abandono", mesmo que temporário, da ciência política pela prática político-partidária, Florestan esclarece: "Não fui eu que escolhi a vida parlamentar, mas sim o PT que não me deu margem de escolha".

E, carinhosamente, conta como se deu sua candidatura:

— Passei todo o início do ano de 86 hospitalizado. Tive problemas de saúde que me obrigaram a atrasar, em mais de um mês, um curso especial de pós-graduação que daria na PUC-SP. Fim do curso, preparava-me para retirada em meu sítio, onde estudaria e descansaria, cuidando melhor de minha saúde. Foi então que Lula e três membros da Executiva do PT chegaram à minha casa e me disseram: Professor, as bases do Partido o indicaram candidato à Constituinte.

Segue contando a história de sua candidatura:

— Ao receber o convite, perguntei ao Lula, o que o PT me daria, já que não dispunha de dinheiro para alimentar a campanha, nem de saúde para percorrer os bairros da capital e as muitas cidades do interior do Estado. Lula sorriu e me avisou: o PT não pode lhe dar nada. Ao contrário: de tudo que o senhor conseguir, o partido recolherá 30%. Então, aceitei. (Risos)

Mas Florestan tem outras explicações para justificar a interrupção de seu repouso no sítio e sua candidatura a deputado constituinte: — Eu precisava demonstrar minha solidariedade ao PT, de forma mais clara. Sempre fui simpático do Partido e colaborador assíduo de suas finanças. E além do mais, no ano passado, o Partido dos Trabalhadores foi vítima de duas campanhas infames: a do episódio da Bahia (prisão de militantes que assaltaram o banco da Universidade) e o caso de Leme (morte de dois bóias-frias, que o ministro Brossard atribuiu a parlamentares do PT, mas que a Justiça provou serem totalmente inocentes). O uso pela classe dominante destes dois episódios ameaçava o crescimento do Partido. Era, portanto, mais que chegada a hora de atender ao convite do Lula.

## MILITANCIA

Nos anos 70, Florestan e Fernando Henrique (que ele lembra: "foi meu aluno, meu assistente, meu colega e é meu grande amigo") eram as estrelas da resistência intelectual e científica ao regime militar. Nas reuniões anuais da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), os auditórios abarrotavam quando eles falavam. Nas páginas dos semanários Opinião e Movimento, eles brilhavam em artigos e entrevistas.

Frente a este quadro, resta saber se num país de vida científica e intelectual ainda sem o relevo necessário, duas estrelas como Florestan e Fernando Henrique devem deixar a pesquisa e a reflexão intelectual para militar na política partidária. Florestan responde: — Ninguém é um quadro insubstituível. Também na ciência, as gerações circulam. A minha

geração, hoje, está no momento descendente, muitos se preparam para sair ou já saíram. Em segundo lugar, uma campanha político-parlamentar não é secundária. O conhecimento da sociedade brasileira que acumulei nas centenas de conferências, palestras, simpósios e pesquisas que realizei me ajudam nesta minha nova atividade. Aliás, sempre cultivei a técnica da observação participante. Mesmo aqui no Parlamento, não me despirei de minha condição de sociólogo. Afinal, a luta de classes se reproduz aqui, embora de forma oposta à lá de fora: no Congresso, a minoria privilegiada tem representação majoritária e a minoria desvalida e oprimida, tem representação minoritária. Precisamos lutar para alterar este quadro.

Lutar, aliás, é um desafio permanente na vida de Florestan. Ele lembra que desde 1942, não faz outra coisa.

Lutei contra o Estado Novo desde os 20 e poucos anos, quando estudava Ciências Sociais. Filiei-me à Quarta Internacional, em 1942, à qual me mantive ligado por 10/12 anos. Neste período escrevi uma introdução apologetica a Marx para prefaciá-la a tradução de A Crítica da Economia Política (1946). Desde os anos 40 até hoje, nunca escondi minha condição de marxista e minhas ligações com a esquerda. Nos anos 50, atuei junto a sindicatos e organizações estudantis e nos anos 60 participei ativamente da campanha pela escola pública e pela reforma universitária. Otávio Ianni e eu, aliados à UNE (União Nacional de Estudantes) participamos da Conferência Nacional da Reforma Universitária, em 1960. Em 64, fui preso, mas me soltaram logo, pois os protestos se avolumaram. Só neste fatídico ano fiz concurso de cátedra na USP, embora lá lecionasse desde 1945. Comecei como professor-assistente. Em 54 tornei-me professor-substituto de Roger Bastide e, em 64, aprovado, preparei-me para assumir a cátedra. Só que minha nomeação quase não saiu, pois a direção da Universidade temia desagradar ao regime militar.

Tudo acabou bem. Em 65, Florestan foi dar aulas nos EUA, na Universidade de Columbia. Em 66, regressou, "disposto a lutar contra um segundo período de ditadura". Só que, três anos depois, a Junta Militar resolveu endurecer o regime. Em abril de 1969 Florestan era aposentado compulsoriamente pelo novo ato institucional número 5.

Daí em diante, afastado da USP, atuou em institutos de pesquisa e rodou o País



Florestan Fernandes  
não abandona sua  
condição de sociólogo

participando de seminários, debates e reuniões anuais da SBPC. Seus livros — ele é autor de dezenas de obras, entre as quais A Revolução Burguesa no Brasil, A Função Social da Guerra, Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada, A Natureza Sociológica da Sociologia, Cuba — Da Guerrilha ao Socialismo e Explicação Sociológica — continuavam sendo produzidos e vendidos bem. Seus ensaios e artigos se multiplicavam em jornais e revistas especializadas.

## O CONSTITUINTE

O parlamentar Florestan Fernandes não vai se dedicar, especificamente, à defesa de causas ligadas à comunidade científica e acadêmica. Ele, como bom petista, elege os pontos principais de sua atuação lembrando que compõem um leque amplo, complexo, marcado por problemas de difícil solução. Ei-los:

Um: Atuar pela constituição de um Estado democrático, que respeite a soberania popular.

Dois: Defender a consolidação das lutas políticas de classe trabalhadora, garantindo-lhe direito de greve irrestrito, estabilidade no emprego, 40 horas semanais de trabalho, autonomia sindical.

Três: Lutar pela reforma agrária, lembrando que os trabalhadores rurais são duplamente excluídos. Afinal, os trabalhadores urbanos, bem ou mal, estão inseridos na sociedade nacional.

Quatro: Defender o crescimento e fortalecimento dos partidos proletários, não medindo esforços para evitar que se repitam fatos como o de 1946, quando o Partido Comunista foi posto na ilegalidade, vendo-se então, obrigado pela clandestinidade a fazer alianças espúrias, mesmo que em defesa de interesses legítimos.

Cinco: Definir a relação das Forças Armadas com a sociedade civil e o funcionamento do Estado. É preciso dar fim ao monopólio do Poder pelas classes dominantes e ao uso das forças do poder militar como arma da burguesia. Na realidade, no Brasil, os militares constituem o quarto poder não explícito, mas o mais visível. A função profissional das Forças Armadas é defender as fronteiras da Nação, quando realmente ameaçadas.

Seis: Analisar a situação do Brasil diante das nações capitalistas hegemônicas europeias, Japão e especialmente os EUA. Hoje, nosso País é tão dependente economicamente destas superpotências, que viu-se destituído de sua soberania como Nação. Sete: Combater os mecanismos pelos quais o Estado brasileiro se viu convertido em instrumento de transformação das rendas das classes trabalhadoras e oprimidas em riqueza da burguesia. Afesta situação que impede que o País tenha recursos para investir em habitação, transporte, saúde, educação e outros direitos sociais do povo.

Oito: Estimular o investimento do Estado na Educação, Ciência e Tecnologia. Até hoje, o País só tem importado pacotes tecnológicos do exterior.

Engana-se quem pensa que ele chegou para alguns meses de trabalho como Constituinte. Se for preciso, Florestan está disposto, até, a disputar um segundo mandato. Afinal, os 50 mil votos que o elegeram, mostram que é uma legenda viva da intelectualidade brasileira. Dos apelos recebidos, o sociólogo destaca — além do de seus ex-alunos e amigos petistas — o de Luiz Carlos Prestes.

— Somos amigos que cultivam relações pessoais há pouco mais de dois anos. Ele, porém, espontaneamente, resolveu apoiar meu nome. No dia em que recebeu o título de cidadão honorário de São Caetano e São Bernardo pediu votos para minha candidatura. Noutra oportunidade, no programa Roda Viva, da TV Cultura, levou meu emblema na lapela do paletó e tornou a pedir votos para meu nome.